

**A VONTADE DE PODER VESTE GIBÃO DE COURO: WILSON LINS E AS
ENTRANHAS DO SERTÃO EM GUERRA NA TRILOGIA DO SÃO FRANCISCO.**

**THE WILL TO POWER WEARS A LEATHER GAMBESON: WILSON LINS AND
THE OUTBACK'S BOWELS AT WAR ON THE SÃO FRANCISCO TRILOGY.**

Roberto Sávio Rosa¹
savio@uesc.br

Gianluca Cuozzo²
gianluca.cuozzo@gmail.com

Iago Melo de Oliveira Sena³
iagomelosena@hotmail.com

Aline Gonçalves de Carvalho⁴
aline_gc@live.com

RESUMO

Este artigo procura apresentar aspectos da obra do escritor Wilson Lins, responsável por imputar à Filosofia de Nietzsche uma interpretação sui generis. Após exaustivos anos de estudos e preparação (não especializados), empregados em devorar o repertório nietzscheano, ele escreve a Trilogia do São Francisco. Nela irá entrelaçar sua compreensão inusitada de aristocracia, de vontade de poder e de super homem às guerras políticas por poder e mando no interior da Bahia (sertão/ cangaço) e às guerras feudais na Alemanha. Com tal atitude, Wilson Lins faz dos engenhos nietzscheanos ferramentas imprescindíveis na compreensão dos acontecimentos pertencentes ao seu mundo, à sua circunstância.

Palavras-chave: Wilson Lins. Nietzsche. Vontade de Poder. Aristocracia. Super homem.

ABSTRACT

This article seeks to present aspects of the work of the writer Wilson Lins, responsible for imputing to Nietzsche's Philosophy a sui generis interpretation. After exhaustings years of study and preparing (non-specialized), spent on absorbing the nietzschean repertoire, he writes the São Francisco Trilogy. On the books, he will conect his unusual comprehension of aristocracy, will to power and übermensch to political wars for power and command in the countryside of Bahia (sertão/ cangaço) and to the feudal wars in Germany. By such attitude, Wilson Lins transforms the nietzschean mechanisms into vital tools to comprehend the events that belonged to his world, his circumstances.

Key words: Wilson Lins. Nietzsche. Will to Power. Aristocracy. Übermensch

¹ Professor de Filosofia do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA

² Professore ordinario dell'Università degli Studi di Torino/UNITO.IT (Filosofia Teoretica, Filosofia della Natura, Classici della filosofia).

³ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC/BA.

⁴ Graduanda em Filosofia pela Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC/BA..

A VONTADE DE PODER VESTE GIBÃO DE COURO: WILSON LINS E AS ENTRANHAS DO SERTÃO EM GUERRA NA TRILOGIA DO SÃO FRANCISCO⁵

*Um homem nunca sabe o que lhe vai acontecer.
É isso que torna a vida embaraçosa.*
Wilson Lins – Os cabras do Coronel

O presente trabalho procura apresentar perspectivas e interrogações a partir de estudos e pesquisas em andamento desenvolvidos entre a Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC/BA e a Università degli Studi di Torino/Itália. Tais estudos versam sobre *A recepção de Nietzsche no Brasil a partir da Bahia: Wilson Lins e sua circunstância* e intencionam contribuir com o debate acerca da difusão das ideias de Nietzsche em terras brasileiras.

Do conjunto de textos referentes ao assunto, desenvolvidos durante estágio de Pós doutorado na Università Degli Studi di Torino (UNITO), o primeiro artigo intitulado *Quando a embarcação do “Novo Colombo” encostou às margens do São Francisco: Wilson Lins e a recepção de Nietzsche no sertão baiano* e, o segundo, intitulado *Götz di Berlichingen no sertão baiano: Wilson Lins e as peripécias do anti-herói brasileiro que interpelou o Zaratustra de Nietzsche*⁶ já se encontram disponibilizados .

A hipótese que sugerimos e buscamos apresentar, corroborando e ampliando o que já fora exposto nos dois artigos que precedem este terceiro, é que a leitura de Nietzsche teria impactado o escritor baiano, Wilson Lins, a ponto de caracterizar e vestir, as personagens de seus romances, com os “engenhos nietzscheanos”. Mas o que pretendemos referir com a expressão “engenhos nietzscheanos”?

Precisamente, aquele *batalhão móvel de metáforas (...)*⁷anunciado por Nietzsche, quando em jogo esteve a definição de verdade. Em função do exposto sentimo-nos seguros de afirmar, que Wilson Lins fez da obra de Nietzsche um grande banquete, pois com sua antropofagia avassaladora ultrapassou, em muito, as compreensões de **aristocracia**, de **super homem** e de **vontade de poder** em solo brasileiro.

⁵ Conforme alusão de Jorge Calmon aos romances de Wilson Lins em discurso de recepção ao novo acadêmico, que tomava posse na Academia Baiana de Letras, a saber, *Os cabras do Coronel, O reduto e Remanso da Valentia*. CALMON, Jorge. Discurso de recepção. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador: 1968, p. 10.

⁶ Os artigos referidos se encontram publicados na **Dramaturgias – Revista do Laboratório de Dramaturgia – LADI – UnB – Vol. 10, Ano 4 sob a Coordenação Editorial do Professor Marcus Mota**.

<https://periodicos.unb.br/index.php/dramaturgias/issue/view/1757>

⁷ NIETZSCHE, F. *Sobre verdade e mentira no sentido extra moral*. Obras Incompletas. Os Pensadores. Nova Cultural. São Paulo, 1999.

Entretanto, para tornar verossímil esse modo de apropriação *sui generis* das ideias de Nietzsche, se fez necessário o percurso meticuloso para averiguar alguns sinais evidenciados por Wilson Lins em seu livro de estréia *Zaratustra me contou...*(1939), especificamente, na confecção da trama e no entrelaçamento dessa com as personagens e autores da literatura universal ali contidos.

As passagens testemunham com propriedade a voracidade do leitor e, ao mesmo tempo, desvelam certa predileção do escritor imberbe por narrativas de intensidade épicas (narrativas de feitos heróicos). Consoante detalhe descritivo apontado nos textos anteriores (nota de rodapé, 8), o que prendeu nossa atenção foi o fato de Lins aportar, o desenvolvimento das ações de seu primeiro livro, em terras italianas. E teria sido esse detalhe, essa inclinação, que nos impulsionou a pensar e investigar, primeiramente, a intrigante participação de personagem específica: o poeta italiano **Gabriele D'Annunzio!**

No primeiro romance de **Wilson Lins** existem quatro alusões ao italiano e todas, sem exceção, vinculam a personagem *Zaratustra*⁸ ao personagem *Götz*⁹, em visita ao Inferno. A narrativa intensa e lasciva induz o leitor a configurar imagens que contrastam em demasia com os recursos apelativos da “mor(t)alidade” vigente em terras brasileiras. O fato da “geografia infernal” assemelhar-se a um corpo de mulher em êxtase, com sua porta situada no *mamilo do seio esquerdo, junto ao coração pulsante*¹⁰, nos permite entrever e imaginar as personagens que ali se encontram!

Como se estivéssemos diante de algo a ser venerado e frente à conduta digna de mimetização seguimos com atenção redobrada a narrativa fantástica de Wilson Lins, que antes de ingressar no Inferno, apresenta duas personagens-personalidades que laboram no comitê de recepção e que farão simbolicamente a entrega das “chaves da cidade”: *Mister Lucifer, interventor efetivo do inferno* e ao seu lado o *interventor Honoris Causa, Signore Dante Alighieri*. Após exaltar o Inferno enquanto *o lugar mais delicioso e calmo, que até hoje, vi na minha vida*¹¹ e relatar a suntuosidade de sua arquitetura (certamente em homenagem ao ilustre *Honoris Causa*, que o recepcionou) a narrativa torna a concentrar suas forças na representação pormenorizada das *embaixadas culturais*¹² ali instaladas:

⁸ Personagem principal do romance surrealista *Zaratustra me contou...*(1939), escrito em homenagem ao filósofo alemão F. Nietzsche.

⁹ Protagonista do romance surrealista *Zaratustra me contou...*(1939), o anti-herói, que encarna a condição de “estar brasileiro”.

¹⁰ LINS, Wilson. *Zaratustra me contou...* Tipografia Naval. Salvador: 1939. p.87.

¹¹ Idem, p.88. Em italiano no original.

¹² Idem, p.90.

“Lotes enormes de poetas, romancistas, filósofos, musicistas, atores, pintores, enfim, todos os embaixadores da Arte, desfilavam numa parada-monstro, em homenagem a Zaratustra e Götz. Lá estavam todos os membros da Renascença; de Boccaccio, Tacito a Petrarca, Machiavelli e Michelangelo, que lá encontrei esculpindo um busto de Gabriele D’Annunzio, que todo imponente e altaneiro, batendo nos peitos, gritava: - Não podia “sobreexistir” inferno sem D’Annunzio!”¹³ (grifo nosso)

A primeira referência explícita a Gabriele D’Annunzio ocorre, não esqueçamos, a partir de encontro inusitado entre o brasileiro e o italiano no inferno! O acontecimento faculta pensar o reconhecimento assombroso de Wilson Lins ao *Poeta* talvez, em função da fama obtida com a empresa de sobrevoar **Viena** e de lançar, sobre a capital do império Austro-Húngaro panfletos¹⁴ exortando a população a pensar por si mesma e a encerrar o conflito. Ou (segunda

¹³ Idem, p.90.

¹⁴ ***“In questo mattino d'agosto, mentre si compie il quarto anno della vostra convulsione disperata e luminosamente comincia l'anno della nostra piena potenza, l'ala tricolore vi apparisce all'improvviso, come l'indizio del destino che si volge. Il destino si volge. Si volge verso di noi con una certezza di ferro. E' passata, per sempre l'ora di quella Germania che vi trascina, vi umilia e vi infetta. La vostra ora è passata. Come la nostra fede fu la più forte, ecco che la nostra volontà predomina. Predominerà sino alla fine. I combattenti vittoriosi del Piave, i combattenti vittoriosi della Marna lo sentono, lo sanno con un'ebbrezza che moltiplica l'impeto; ma se l'impeto non bastasse, basterebbe il numero, e questo è detto Per coloro che usano combattere dieci contro uno. L'Atlantico è una via che non si chiude ed è una via eroica come dimostrano i novissimi inseguitori che hanno colorato l'Ourcq di sangue tedesco. Sul vento la vittoria che si leva dai fiumi della libertà, non siamo venuti se non per la gioia dell'arditezza, non siamo venuti se non per la prova di quel che potremo osare e fare quando vorremo, nell'ora che sceglieremo. Il rombo della giovine ala italiana non somiglia quello del bronzo funebre nel cielo mattutino. Tuttavia la lieta audacia sorprende fra Santo Stefano e il Graben una sentenza non revocabile, o viennesi. Viva l'Italia! Gabriele D'Annunzio”.**

***“Nessa manhã de agosto, enquanto se completa o quarto ano da vossa convulsão desesperada e luminosamente começa o ano da nossa plena potência, as asas tricolores lhe aparecem ao improvviso, enquanto indício do destino inevitável. O destino se dirige. Se dirige a nosso favor com uma certeza férrea. É passado, para sempre a hora daquela Alemanha que os submete, humilha e macula. A sua hora é passada. Como nosso fé foi mais forte, eis que nossa vontade predominou. Predominará até o final. Os combatentes vitoriosos do Piave, os combatentes vitoriosos da Marna sentem e sabem com tamanha alegria que multiplicam o ímpeto; mas se o ímpeto não bastasse, bastaria o número, e isto é dito por aqueles que ousam combater dez contra um. O Atlântico é uma via que não se fecha e é uma via heróica como demonstram os novíssimos perseguidores que coloriram Ourcq de sangue alemão. Embalados pelo vento da vitória que se ergue do rio da liberdade, não viemos senão pela alegria conduta original, não viemos se não para provar aquilo que podemos ousar e fazer quando queremos, na hora que desejaros. O som característico das jovens asas italianas não parece aquele do bronze fúnebre no céu da manhã. Todavia a satisfação audaz surpreende entre Santo Stefano e o Graben uma sentença irrevogável, vienneses. Viva a Itália! Gabriele D'Annunzio”.** (Tradução livre).

***“Viennesi! Imparate a conoscere gli Italiani. Noi voliamo su Vienna, potremmo lanciare bombe a tonnellate. Non vi lanciamo che un saluto a tre colori: i tre colori della libertà. Noi non facciamo la guerra ai bambini, ai vecchi, alle donne. Noi facciamo la guerra al vostro governo nemico delle libertà nazionali, al vostro cieco testardo crudele governo che non sa darvi né pace né pane, e vi nutre d'odio e d'illusioni. Viennesi! Voi avete fama d'essere intelligenti. Ma perché vi siete messa l'uniforme prussiana? Ormai, lo vedete, tutto il mondo si è volto contro di voi. Volete continuare la guerra? Continuatela. È il vostro suicidio. Che sperate? La vittoria decisiva promessavi dai generali prussiani? La loro vittoria è come il pane dell'Ucraina: si muore aspettandolo. Popolo di Vienna, pensa ai tuoi casi. Svegliati! Viva la libertà! Viva l'Italia! Viva l'Intesa!”**

referência), em função da ação liderada em 12 de setembro de 1919 em prol da “liberação” da cidade de **Fiume**.

Com o término da segunda guerra mundial (1914-1918) o Tratado de Versailhes coordenado pelos Estados Unidos da América reelaborou o mapa e a geopolítica europeia. A cidade de Fiume, habitada na sua maioria por italianos, teria sido reintegrada aos confins da antiga Iugoslávia (hoje Croácia), o que motivou o gesto de Gabriele D’Annunzio em favor de empreitada épica: tomar a cidade de Fiume “à bala” e devolvê-la aos italianos! Já de posse da cidade a aventura teria se desenrolado por dezesseis meses e, nesse ínterim, teria sido alçada a condição de cidade estado (República) tendo por “guia = *condottiero*” um Poeta!

Ao referir D’Annunzio em episódios em que se joga com a coragem Wilson Lins parece rememorar as imagens da infância e os tempos turbulentos da cabroeira nas rixas de **Pilão Arcado**, *velho burgo nascido de uma feitoria colonial*¹⁵! Talvez visualizasse nas peripécias de D’Annunzio a mesma determinação sertaneja emanada dos corações ressecados *naquele deserto que é o túmulo dos vivos e faz de cada homem o algoz de si mesmo*¹⁶.

No romance de Wilson Lins o protagonista *Götz* (anti-herói brasileiro) espantado, ao contemplar a mudança fisionômica de *Zaratustra*, seu mestre, entabula um diálogo interrogando-o acerca das pré-ocupações que o afligem, ao que este lhe responde conforme diálogo reproduzido abaixo:

“Zaratustra - Sim *Götz*. Recebi um comunicado do inferno, me avisando ter sido Satanás deposto e fuzilado, e deportado ter sido o Mestre Dante Alighieri.

Götz - Revolução no inferno? E quem é o chefe revolucionário, o Ditador de lá agora?

Zaratustra - Artur Schopenhauer, que tem por Secretário Geral, o poeta voador **Gabriele D’Annunzio**, esse genial e cabotino herói de Fiume.

Götz - D’Annunzio? Mal chegou, foi logo tomando parte em revolução. Que sujeito!

Zaratustra - Foi ele que assumiu o comando da frota aérea dos demônios alados. O comunicado veio assinado por ele. Está bancando o grande por lá.

*“Vienenses! Aprendam a conhecer os italianos. Nós voamos sobre Viena, podemos lançar bombas às toneladas. Entretanto, não lançamos outro, que uma saudação tricolor: as três cores da liberdade. Nós não fazemos a guerra às crianças, aos velhos e às mulheres. Nós fazemos a guerra contra o seu governo inimigo da liberdade nacional, ao seu cego e “cabeçudo” – cabeça dura – governo que não sabe lhes dar nem trégua nem pão, e os nutre de ódio e ilusão. Vienenses! Vocês possuem a fama de serem inteligentes. Mas porque vestiram o uniforme prussiano? Agora, perceberam, todo o mundo se voltou contra vocês. Desejam continuar a guerra? Continuem. Será o seu suicídio. Que esperam? A vitória decisiva prometida pelos generais prussianos? A vitória deles é como o “pão da Ucrânia”: se morre esperando-o. Povo di Viena, pensem na situação de vocês. Acordem! Viva a Itália! Viva a liberdade! Viva a conduta!” (Tradução livre).

¹⁵ LINS, Wilson. *Os cabras do coronel*. Edições GRD. Rio de Janeiro: 1964, p. 138.

¹⁶ LINS, Wilson. *Os cabras do coronel*. Edições GRD. Rio de Janeiro: 1964, p. 54.

Götz - É isto; não conseguiu nada na Itália... Satanás que pague o pato.”¹⁷ (grifo nosso).

Tal gesto gerou uma série de controvérsias e o debate público em torno ao fato acumula filmes, documentários, monografias e teses, com argumentos prós e contras dignos de abarrotar os arquivos e “nuvens” de pesquisadores engajados! Entretanto, parece haver consenso acerca dos pressupostos teóricos, que teriam influenciado a ação do Poeta italiano e, esses, recaem sobre o livro *Assim falou Zaratustra – um livro para todos e para ninguém* de Friedrich W. Nietzsche (1885).

Para não ultrapassar os limites hemenêuticos acerca do evento se faz necessário dizer algo a respeito do exposto! Inúmeras estão as interpretações que vislumbram lançar luz sobre os acontecimentos do século XX, especificamente, das ações efetuadas pela personalidade controversa que aludimos: Gabriele D’Annunzio! Portanto, queremos deixar claramente registrado, que o nosso objetivo não implica julgar escolhas particulares ou nações européias, no decurso dos conflitos que se estenderam causando traumas e destruição. Tampouco vislumbramos esclarecer em breves parágrafos a complexidade referida, situada muito além das nossas cercanias.

O que importa aludir aqui são as similitudes e diferenças que surgiram da imersão bibliográfica e dos caminhos abertos a partir da disposição das fontes, entre as ações de recepção e uso dos engenhos nietzscheanos pelo Poeta Gabriele D’Annunzio em terras italianas e, da recepção e uso dos mesmos “engenhos” pelo escritor Wilson Lins a partir do sertão brasileiro. A bibliografia disponibilizada indica, que a inspiração de ambos os escritores teria sido catapultada pela incrível potência teórica que os arrastou, precisamente, o *Assim falava Zaratustra* de Nietzsche. Entretanto, o fato de dividirem o mesmo manancial teórico não significa dizer que empreenderam ações análogas.

Em Gabriele D’Annunzio a vontade de potência nietzscheana engendra ações já referidas: a sedução e produção literária, a ação audaciosa sobre Viena e a tomada à força de Fiume. Já em Wilson Lins, a vontade de potência nietzscheana será a protagonista *das entranhas do sertão em guerra na Trilogia do São Francisco*.

A fim de corroborar tal hipótese metodologicamente decidimos perseguir, primeiramente, as pegadas que indicam à introdução, a difusão e a bifurcação dos *engenhos*

¹⁷ LINS, Wilson. *Zaratustra me contou....* Tipografia Naval. Salvador: 1939. p. 176.

nietzscheanos em terras italianas. Com grata surpresa, fruto de *acaso favorável*¹⁸ tivemos o privilégio de conhecer o Professor **Domenico Fazio**¹⁹. Ao nos conceder um exemplar de seu inquietante livro - *Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940* - escrito dedicado à introdução das ideias do polemista alemão na Itália, ficamos ainda mais convencidos.

Ao referir o livro de Fazio intencionamos documentar a maneira como iremos abordar a discussão que envolve à influência de Nietzsche sobre Gabriele D'Annunzio, ao mesmo tempo em que exteriorizaremos a perspectiva adotada. Posteriormente, nos dedicaremos à tratar da influência de Nietzsche sobre Wilson Lins a partir da Bahia, especificamente, nos três romances da trilogia do São Francisco, a saber: *Os cabras do Coronel*, *O reduto* e *Remanso da Valentia*.

D'ANNUNZIO: O FABRO ITALIANO DOS “ENGENHOS NIETZSCHEANOS”.

No primeiro capítulo do livro do Professor Fazio intitulado *Come D'Annunzio creò il superuomo* encontram-se argumentos esclarecedores, que nos permitem estabelecer o vínculo analógico entre os escritores. Segundo o Professor a introdução de Nietzsche em terras italianas teria ocorrido por duas razões: (1) por meio da *utilização política de suas ideias* e (2) *através do modo “humanitário” como foi apresentado*. Com tal gesto principia a leitura de Nietzsche em terras italianas alargando-se nos anos sucessivos²⁰ motivada por um artifício: a literatura.

“Ma perchè ciò avvenisse, il nome di Nietzsche doveva uscire dall’ambito ristretto degli specialisti per entrare a far parte del patrimonio culturale e del modo di pensare di un’intera generazione; occorreva, cioè, che la parola, attraverso D’Annunzio, passasse dalla filosofia alla letteratura.

¹⁸ Participação na defesa e discussão da tese de doutoramento do Professor Leandro de Araújo Sardeiro (UESPI/PI), na condição de convidado, ocorrida na Università del Salento, cidade de Lecce, Puglia tendo como orientador o Professor Domenico Fazio.

¹⁹ Professore Ordinario di Storia della Filosofia. Facoltà di Lettere e Filosofia. Dipartimento di Studi Umanistici – Università del Salento/UNISALENTO.IT.

²⁰ FAZIO, Domenico M. *Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940*. Marzorati Editore. Settimo Milanese: 1988, p .26.

Segundo o autor em artigo publicado em *Nuova Antologia*, 1 de fevereiro, 16 de abril e 16 de julho de 1891 - **“Pasquale Villari scriveva il primo capitolo dell’utilizzazione in chiave politica del pensiero di Nietzsche nella cultura italiana: ne faceva un “umanitario”, inaugurando così una lettura che avrebbe largamente circolato negli anni successivi”*.

**“Pasquale Villari scriveva o primeiro capítulo da utilização, na perspectiva política, do pensamento de Nietzsche na cultura italiana: fazendo dele um “humanitário”, inaugurando assim uma leitura que circulou amplamente nos anos sucessivos”*. (Tradução livre).

È per questo che, anche se non fu il primo ad occuparsene tra gli scrittori di lingua italiana, possiamo continuare a considerare Gabriele D'Annunzio come colui il quale, effettivamente, introdusse Nietzsche in Italia.”²¹ (grifo nosso).

O fato de apresentar um responsável pela popularização das ideias de Nietzsche na Itália não significa dizer que a sua inspiração instrumental, em perspectiva política, tenha sido feita de maneira condizente ou, ainda mais radical, que exista *um tal modo condizente*. Segundo o Professor Fazio, D'Annunzio, ao apropriar-se dos *engenhos nietzscheanos* acomoda-os ao seu projeto, a partir de hermenêutica poética ímpar e termina por favorecer a preparação e cultivo do terreno fértil em que irão se agarrar as raízes do ufanismo e se desenvolver os arbustos espinhosos das concepções *protonacionalistas*²², que continuam a frutificar o triste imaginário hodierno (tanto na Itália quanto no Brasil).

As mesmas mazelas serão replicadas em solo *tupiniquim* e farão parte de um momento histórico ainda pouco evocado a partir da perspectiva que aludimos e, que trataremos com maior desenvoltura em artigos subsequentes. O que importa ressaltar, nesse momento, é a maneira como a exposição e a divulgação (popularização) de tais engenhos ganhou corpo na Itália por meio de um porta voz e agente político. Quem declara é o próprio Professor Fazio:

“La novità dell’operazione di D’Annunzio, ripetiamo, doveva consistere soprattutto nel medium: la letteratura.

Il successo dell’operazione di D’Annunzio si spiega solamente così: creandone un “caso” letterario, facendolo diventare un mito, D’Annunzio procurava a Nietzsche una più vasta udienza e nel contempo, sottraendolo all’acribia filologica dei filosofi e dei critici, al rigore degli specialistici, poteva preparare per sé la lettura superomistica, l’utilizzazione in chiave aristocratica.”²³ (grifo nosso).

²¹ FAZIO, Domenico M. *Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940*. Marzorati Editore. Settimo Milanese: 1988, p.26.

*“Mas para que tal fato ocorresse, o nome de Nietzsche deveria ultrapassar o âmbito restrito dos especialistas para iniciar a fazer parte do patrimônio cultural e do modo de pensar de uma inteira geração; ocorria, então, que a palavra, através de D’Annunzio, passasse da filosofia à literatura. É por isso que, mesmo não sendo o primeiro a se ocupar entre os escritores de língua italiana, podemos continuar a considerar Gabriele D’Annunzio como o introdutor de Nietzsche na Itália, efetivamente.” (Tradução livre).

²² FAZIO, Domenico M. *Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940*. Marzorati Editore. Settimo Milanese: 1988, p.40.

²³* “A novidade operacional de D’Annunzio, repetimos, deveria consistir sobretudo no instrumento (meio/mo)do): a literatura. O sucesso da operação de D’Annunzio se explica somente assim: criando um “caso” literário, fazendo-o se tornar um mito, D’Annunzio procurava para Nietzsche uma audiência mais vasta e, ao mesmo tempo, subtraindo-o da precisão meticolosa filológica dos filósofos e dos críticos, do rigor dos especialistas, poderia preparar para si a leitura “superomística”, a utilização na perspectiva aristocrática”. (Tradução livre).

FAZIO, Domenico M. *Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940*. Marzorati Editore. Settimo Milanese: 1988, p.26.

A partir de fio condutor sólido, documental e coerente Fazio nos faz percorrer os caminhos abertos da utilização política de Nietzsche. Os fatos aludidos, entretanto, poderão ser interpretados enquanto atitude e movimento de uma geração pós renascimento, que necessitava se afirmar e se constituir enquanto fruto da elevação atingida por seus antecessores, a saber, precisava demonstrar estar à altura do legado herdado.

O problema social europeu caminhava a passos largos e a falência da velha aristocracia, alheia e cansada, comparecia iminente. Teria visualizado então Gabriele D'Annunzio (*il vate*) uma maneira de reorganizar e impedir a decadência impulsionado pelos escritos nietzscheanos? Conceberia ele um projeto de renovação sustentado a partir da leitura e interpretação das ideias de Nietzsche acerca de **“nova” aristocracia, do super homem e da vontade de poder?**

Suas impressões ganham relevo e as ruas quando em 25 de setembro de 1892 surge no jornal *Il Mattino* de Nápoles *uno dei primi documenti della nuova estetica aristocratica di D'Annunzio: La bestia elettiva*²⁴. Lendo-o atentamente está possível compreender o grito estridente do poeta em desespero. Tendo como ponto de partida a análise sucinta e acurada acerca da decrepitude e do ambiente adverso e hostil em que se transformou o território europeu, D'Annunzio chama Nietzsche em sua defesa e proclama em alto e bom som o que estaria contido em sua doutrina:

“una fra le ragioni del general decadimento sta in questo: che L'Europa intera ha ricevuta la sua definitiva impronta dalla nozione del bene e del male presa nel senso della morale degli schiavi.”²⁵

A partir de então instiga os leitores a considerar a formação de uma **“nuova aristocracia”**, *che si formerà dunque ricollocando nel suo posto d'onore il sentimento della potenza levandosi sopra il bene e sopra il male*²⁶. O que torna o artigo interessante, revisto após 128 anos da sua publicação é o seu aspecto panfletário. Ao advertir seus contemporâneos a respeito do predomínio europeu (centro do mundo) e das mazelas deflagradas visando a

²⁴ ***“Um dos primeiros documentos da nova estética aristocrática de D'Annunzio: A besta eletiva”**. (Tradução livre). O texto de Gabriele D'Annunzio publicado no Jornal *Il Mattino*, Nápoles, em 25 de setembro de 1892 será anexado ao final desse artigo em sua versão integral com tradução livre do Professor Roberto Sávio Rosa.

²⁵ ***“uma entre as razões da decadência geral reside nisso: que a Europa inteira recebeu a sua marca definitiva da noção de bem e do mal tomada no sentido da moralidade dos escravos”**. (Tradução livre). D'ANNUNZIO, Gabriele. *La bestia elettiva*. In: *Scritti Giornalistici 1889-1938*. Volume secondo. A cura e con una introduzione di Annamaria Andreoli. Testi raccolti da Giorgio Zanetti. Arnoldo Mondadori Editore.

²⁶ ***“(…) uma “nova aristocracia” que se formará, portanto, recolocando no seu posto de honra o sentimento de potência elevando-se sobre o bem e sobre o mal”**. (Tradução livre).

liberação da potência adormecida, fundamento das forças telúricas autóctones, *o Vate* (Gabriele D'Annunzio) sentencia os terríveis acontecimentos que se avizinham exortando talvez um direito à força e à irracionalidade:

“La forza è la prima legge della Natura, indistruttibile, inabolibile. Ora, da quattro secoli gli Europei non ad altro intendono che a spogliare e a sterminare le altre stirpi. La civiltà europea, come un ragno vorace, involuppa delle sue tele il resto del globo. In America, razze intere sono scomparse all’urto dell’uomo bianco; gli Oceanidi vanno scomparendo perseguitati fin negli stretti rifugi; l’Africa è invasa tutta quanta. Con quale diritto? Col diritto del più forte”²⁷. (grifo nosso).

Entretanto, é com a publicação de *Le vergini delle rocce*²⁸, em 1895, que Gabriele D'Annunzio irá transportar, para a literatura, alguns dos *engenhos nietzscheanos* aludidos. Porém, desse assunto, trataremos posteriormente em outro artigo!

WILSON LINS: O ANTROPÓFAGO BAIANO DOS “ENGENHOS NIETZSCHEANOS”

O mesmo ímpeto protagonizado por D'Annunzio na Itália tornou a se fazer presente e se revelar profícuo no interior do Brasil. Tal necessidade imperiosa, a saber, a de edificar a partir de narrativas romanesca, um conjunto de circunstâncias mundanas atinentes e entrelaçadas à referências filosóficas objetivando sugerir significado e sentido à própria

²⁷ ***“A força é a primeira lei da Natureza, indestrutível, inabolível. Ora, há quatro séculos os Europeus não entendem fazer outra coisa senão espoliar e exterminar as outras estirpes. A civilidade européia, como uma aranha voraz, envolve em sua teia o resto do globo. Na América, raças inteiras desapareceram com o impacto do homem branco; os Oceânidas estão desaparecendo perseguidos nos extremos abrigos; a África é invadida totalmente. Com qual direito? Com o direito do mais forte”**. (Tradução livre).

D'ANNUNZIO, Gabriele. *La bestia elettiva*. In: Scritti Giornalistici 1889-1938. Volume secondo. A cura e con una introduzione di Annamaria Andreoli. Testi raccolti da Giorgio Zanetti. Arnoldo Mondadori Editore.

²⁸ D'ANNUNZIO, Gabriele. *Le vergini delle Rocce*. Prefazione di Giansiro Ferrata. Arnoldo Mondadori Editore: Milano, 1978. O título do romance *As virgens das rochas*, de Gabriele D'Annunzio faz alusão ao famoso quadro de Leonardo da Vinci. Segundo informações contidas na Coleção Gênios da Pintura, da Editora Abril Cultural, Da Vinci afirma em seus manuscritos: “a Terra vive e tem uma alma; os rios são suas artérias, os regatos são as veias, o fluxo e o refluxo do mar é o seu alento, nos vulcões está a residência da vida, o oceano em tórno dos mares é um lago de sangue em volta do coração. *A virgem das rochas* de Da Vinci, emerge de uma atmosfera vibrátil, densa, os objetos perdem os contornos rígidos para respirarem livremente, irradiando uma luz interna nascida do íntimo, como se viesse mesmo da própria vida contida em cada um.” Ao estabelecer a árvore genealógica da sua “nova aristocracia” D'Annunzio intenciona interligar o protagonista de *As virgens das rochas*, Claudio Cantelmo, ao cepo renascentista originado a partir de Leonardo da Vinci!

existência, explodiu 37 anos após *o ocaso nietzscheano* em lugar inimaginável: **o sertão baiano**.

O privilégio e responsabilidade da promoção tardia de tais referências, em terras *tupiniquim*, novamente recairá sobre o “engenhoso” filósofo alemão – Nietzsche - e se revelará eficiente ferramenta na interpretação de acontecimentos alusivos à aristocracia, à violência, à liberdade e ao super homem, precisamente, à vontade de poder!

Percebam, caros leitores, que não estamos falando de estudo pavimentado pelo esforço histórico decorrido através de longos interstícios temporais, contendo acúmulos e registros de especulações teóricas (tradição), mas sim referindo um *destino/acaso situacional*, precisamente, determinado ponto geográfico de certo continente em floração, saqueado e devassado, justamente, pelos criadores e portadores das especulações teóricas, do esclarecimento e das catalogações e, que no decorrer de sua exígua existência cartográfica, acumula a parca e triste experiência de 500 anos!

Enquanto Nietzsche, familiarizado com a Itália desde o ano de 1876, frequentador de cidades como Vênêza, Roma, Gênova, Messina, Rapallo e Torino se manterá irrequieto até o ano de 1889 quando, justamente a Torino, declinarão as forças telúricas de seu corpo frágil, no Brasil, em período análogo, *os corpos destituídos de alma e rosto*, ainda sobreviviam regidos pela lei implacável da chibata e, a identidade nacional, esboço de uma quimera.

Então, como considerar o ingresso e repercussão de tal mensagem filosófica? Como conjecturar a recepção de “engenhos” a partir de solo selvagem ainda não preparado para o advendo da ilustração? Como afrontar tal cabedal teórico em terras aradas com espadas e cruzes, destituída de ancoradouro histórico conveniente, sem incorrer em heresia? Está possível afirmar, que o legado nietzscheano, testemunho incontestado da prevalência senhorial repercutiu em alto e bom som em solo de escravos? Mas como foi possível?

Cada vez mais desiludido com as instituições de ensino superior, Nietzsche se descobre incapacitado para o exercício da cátedra (questão de saúde...) e, principia, a partir de aposentadoria robusta e precoce²⁹, um longo período de peregrinação por alguns dos lugares

²⁹ Segundo Anacleto Verrecchia em *La catastrofe di Nietzsche a Torino* Nietzsche se aposentou, por motivos de saúde, aos 34 anos recebendo da Universidade da Basileia uma pensão de 3.000 francos suíços ao ano, **que, em função da paridade monetária do período, correspondiam a 3.000 libras italianas. Esse valor estava muito acima do valor pago a um Professor Universitário italiano na ativa. Um Professor elementar ganhava menos de 800 libras ao ano, um médico, aproximadamente, 2.000 libras. Um excelente almoço em Turim, custava 1 lira.** Não exageremos acerca da precariedade do alemão. **O Nietzsche que frequentava as livrarias de Turim, porque não possuía condições de comprar um livro, faz parte da lenda!!! (grifo nosso).** VERRECCHIA, Anacleto. *La catastrofe di Nietzsche a Torino*. Einaudi. Torino: 1978, p.145.

mais fascinantes da Europa. Percorrendo os (*des*)caminhos que interligam montanhas e mares, frequentou e desfrutou de ambientes dedicados ao bom gosto.

Se desejarmos aprender algo com ele, certamente, devemos considerar duas importantes lições; (1) a sua predileção por geografias paradisíacas e (2) a seriedade rigorosa com o cuidado de si. Mas não esqueçamos: enquanto gestava em longas caminhadas (ora no alto das montanhas – Alpes -, ora à beira mar – Ligúria, Costa Amalfitana, Riviera Francesa) o “esqueleto” argumentativo dos aforismos que estremeceriam a humanidade, o Brasil permanecia subjogado e maculado por sua maior e irreparável vergonha: *a escravidão*.

E quanto a Wilson Lins? Por que, exatamente, referi-lo? Quais teriam sido as suas *veredas*³⁰? Nascido e criado em ambiente circunstanciado por contendas bélicas, ouvidor atento de “causos” e relatos das justas, que forjaram a memória do sertão, enaltece a narrativa de sua trajetória na Academia Baiana de Letras, indicando aos ouvintes, que na noite de 29 de setembro de 1968 lhe conferiram o acesso acadêmico, como tudo começou: *Quando eu era menino, o sertão vivia sacodido pelas guerras dos coronéis, sendo meu pai um dêles*³¹. A predileção por histórias sucedidas em espaços e costumes familiares alargava a imaginação do menino, que aos oito anos praticava os ensinamentos *nas batalhas de mentira da guerra de brinquedo da beira do rio (São Francisco) e da Pedra Branca*³².

Desinteressado dos estudos formais e propenso ao atraente mundo disponibilizado “aos montes” nas estantes da biblioteca mergulhou obcecado na leitura, primeiramente sobre os romances de ação e, depois, sobre o legado que conhecemos por Literatura Universal. Após experiência inusitada, pois em raríssimos brasileiros incidiu o *privilégio divino* do gosto pela leitura, especialmente em terras inóspitas, se acredita capaz o suficiente de redigir o seu primeiro trabalho de ficção:

“Era um romance sobre as brigas de Militão Plácido de França Antunes³³, fabulosa figura de caudilho, tantas vezes mencionada nos meus romances da trilogia do Médio São Francisco. **Nele, Militão era uma espécie de Rei**

³⁰ Aqui nossa homenagem a João Guimarães Rosa, que narra as aventuras de tantos “homens em armas” do sertão brasileiro em seu *Grande sertão, veredas*.

³¹ LINS, Wilson. *Discurso de posse – Academia de Letras da Bahia*. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador: 1968, p.19.

³² Idem, p.19.

³³ Wilson Lins irá realizar o seu intento em anos sucessivos. É de sua autoria o romance de ação *Militão sem remorso*. Nele comparece em narrativas de cavalaria a saga da família França Antunes / Lins de Albuquerque esmiuçada em descrições genealógicas na trilogia do São Francisco e que representa o baluarte épico do palco em que irão se desenvolver as justas do sertão!

LINS, Wilson. *Militão sem remorso*. Editora Record. Rio de Janeiro: 1980.

Arthur dos barrancos, com os seus irmãos e sobrinhos fazendo as vèzes de cavalheiros da Tàvola Redonda³⁴. (grifo nosso).

A alusão aos romances de cavalaria parece indicar a predileção que se tornará evidente no primeiro livro dedicado a Nietzsche e na estrutura narrativa dos romances subsequentes. Será a partir dessas narrativas épicas (que visam realçar o caráter trágico da existência sertaneja), que Wilson Lins irá discorrer e associar certa interpretação *sui generis* à obra de Nietzsche entrevedo certa compreensão particular de **aristocracia**, ao demonstrar e entrelaçar dois “engenhos nietzscheanos” explorados posteriormente à exaustão, a saber, a **vontade de poder** e o **super homem**.

Mas se ambos serão explorados por especialistas a ponto de exaurir qualquer dúvida, qual seria o mérito hermenêutico de Wilson Lins, que deveria ser considerado? Ora, tudo se deve ao fato **de ter sido ele o promotor de perspectiva inusitada em solo brasileiro, precisamente, de ter relacionado as guerras políticas por poder e mando no interior da Bahia (sertão / cangaço) às guerras feudais na Alemanha (Goethe) bem como à filosofia de Nietzsche**. A vida trágica de *Götz di Berlichingen*³⁵, senhor feudal, cavaleiro da mão de ferro, mutilada em combate, campeão de liberdade e de justiça, bem como as ideias de Nietzsche, serão enaltecidas com força e beleza em sua saga romântica/épica contida na trilogia do São Francisco. Lins, portanto, fará uso dos engenhos nietzscheanos enquanto ferramentas interpretativas na compreensão dos acontecimentos pertencentes ao seu *mundo*, à sua cercania.

Entretanto, antes de atingir o objetivo proposto decorreram longos e laboriosos anos de persistência absorvidos com ânsia e dedicação, mas o seu desabrochar teórico e impetuoso, certamente, deverá ser creditado à Nietzsche. O que se encontrava em gestação era o exercício laborioso do grande romancista, que pacientemente maturava e preparava o acontecimento. Entrelaçando os fios robustos da experiência trágica e percorrendo as veredas da epopéia outorga-se *demiurgo ocasional* ao promover e imputar beleza e sentido num mundo em que prevalece a contradição. Genealogia, aristocracia, força, poder e domínio participam de sua vida como participaram os “engenhos” poéticos do grande fabro além mar, Gabriele D’Annunzio. Mas como comunicá-los? Como lhes dar nascimento, alimentação, vida?

³⁴ LINS, Wilson. *Discurso de posse – Academia de Letras da Bahia*. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador: 1968, p.21.

³⁵ GOETHE. J.W. *Götz di Berlichingen*. Versione col testo a fronte, Introduzione e Note a cura di Nicola de Ruggiero. Sansoni Editore, Firenze: 1947.

Dado o silêncio obsequioso com relação à recepção do seu primeiro romance publicado (1939) *Zaratustra me contou...* Wilson Lins recua em seu intento e somente após meio século torna a se pôr em marcha insinuando-se pelas trilhas do romance. Durante o interstício ingressa no jornalismo e paralelamente a atividade cotidiana redige inúmeros artigos na imprensa a respeito da Filosofia e seus problemas, seus principais Pensadores e sua História (**desterrados e esquecidos, ainda hoje, pelo desprezo atroz dos acadêmicos brasileiros e seu pseudo conhecimento acerca das elucubrações caseiras**). Além disso escreve e publica: *12 Ensaios de Nietzsche* (1945); *A infância do mundo* (1946); *O médio São Francisco* (1952); *Os outros* (1955); *Os segredos do herói cauteloso* (1955); *Tempos escatológicos* (1959). A cada nova publicação a influência de Nietzsche alarga as evidências!

Da producente e obstinada trajetória um rebento, em especial, marcou *a ferro e fogo*³⁶ a memória do romancista e selou com propriedade o retorno às raízes. Segundo o próprio Wilson Lins,

“*O Médio São Francisco*³⁷ representava a reconciliação com o regional, a volta à terra. O ensaísta dava as costas aos problemas existenciais do homem, no mundo, para se debruçar sobre o drama do seu povo, no seu chão, abrindo caminho ao romancista que há um quarto de século forcejava para se reencontrar.”³⁸

Lins admite que, *O médio São Francisco* foi o grande combustível para a trilogia do sertão e outros livros que viria a escrever, como por exemplo; *Responso das Almas*³⁹ e *Militão sem remorso*⁴⁰. Com o auxílio de *O médio São Francisco* fica claro o quanto a ficção estava atrelada à realidade, às vezes até de maneira literal nos seus acontecimentos (como o envolvimento do Coronel Franklin Lins de Albuquerque liderando um dos *batalhões patrióticos*, na luta contra a coluna Prestes). Fica mais fácil compreender a visão de Lins sobre os jagunços⁴¹, coronéis, cangaceiros e outros tipos que aparecem em *Os cabras do Coronel*.

³⁶ Aqui nossa homenagem ao escritor gaúcho Josué Guimarães e seu romance *A ferro e fogo – tempo de solidão* sobre a participação dos alemães na formação do Rio Grande do Sul.

³⁷ LINS, Wilson. *O médio São Francisco – Uma sociedade de pastores guerreiros*. Brasiliana, Volume 377. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1983.

³⁸ LINS, Wilson. *Discurso de posse – Academia de Letras da Bahia*. Imprensa Oficial da Bahia. Salvador: 1968, p.25.

³⁹ LINS, Wilson. *Responso das almas*. Martins Editora. São Paulo: 1970.

⁴⁰ Ver nota 33.

⁴¹ Muitos pesquisadores brasileiros desprenderam esforços na tentativa de precisar tal termo. Em Wilson Lins a definição, tantas vezes replicada, comparece próxima àquela forjada por Euclides da Cunha em artigo: *A nossa Vendéia*. O Estado de São Paulo, 14 março e 17 julho, 1897.

O rio e o povo sertanejo estão foco e enredo de *O médio São Francisco*. Um grande apanhado histórico dos acontecimentos, desde a colonização abrangendo toda à região. O povoamento do vale do São Francisco, as formações de latifúndios, o modo de ser do povo, o folclore, a mitologia, a religiosidade, as guloseimas, a medicina regional, a política, o dialeto, importantes relatos geográficos, menção a vilarejos que não são mais existentes, fauna e flora, peixes do rio. Tudo se encontra agregado na constituição do livro, compondo um mosaico que mostra o retrato desse povo. Na definição do autor, *uma sociedade de pastores guerreiros!*

WILSON LINS E O PRIMEIRO ROMANCE DA TRILOGIA: OS CABRAS DO CORONEL

Em *Os cabras do coronel* (1964) foram analisadas palavras, frases, temas e o texto em sua forma integral. Como o contexto de *O médio São Francisco* (1959) adianta; neste romance o autor conta a história de uma guerra entre coronéis⁴² e seus jagunços que se passa no sertão da Bahia as margens do grande rio São Francisco, próximo à divisa com o Piauí. Uma saga épica, onde as disputas e os crimes faziam parte do cotidiano e eram legitimados pela conquista da terra e do poder na região. Lins narra na tradição oral do povo, mas, sem abrir mão do olhar lúdico do homem culto com profundidade e perspicácia.

Pilão Arcado – local principal da trama – é uma vila antiga, *de ruas tortuosas e casas de construção sólida, que desafia as enchentes. Seus habitantes são simples, de fácil acomodar, mas que, diante da menor ofensa, se modificam de cordeiros em feras*⁴³. Lá vive o Coronel (referência ao pai de Wilson Lins, Coronel Franklin Lins de Albuquerque) apelidado de Vermelhão, este mantém um grande exército de jagunços. O Coronel, descrito na narrativa, simboliza a grande autoridade de Pilão Arcado, exercendo um alcance ainda maior do que “ser/estar”, simplesmente, a Justiça/Lei, a ponto de entrelaçar sentimentos paternos com idolatrias! O simbolismo abrangente destaca as funções que o identificam: espécie de médico, sacerdote, conselheiro além de tantos outros engenhos. Por conta disso, em Pilão Arcado os

“O jagunço é uma tradução justalinear quase do *iluminado* da *idade média*. O mesmo desprendimento e a mesma indiferença pela morte, dão-lhe o mesmo heroísmo mórbido e inconsciente de hipnotizado e impulsivo. Uma sobriedade extraordinária garante-lhe a existência no meio das maiores misérias.”

CUNHA, Euclides da. Organização da coletânea Walnice Nogueira Galvão. Ática. São Paulo: 1984, p.82.

⁴² Segundo Rui Facó, com o advento da República o latifúndio se manteve intacto transformando-se em verdadeiros feudos dos chefes políticos (coronéis), “**uns autênticos senhores de barão e cutelo.**”

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e Fanáticos*. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro: 1965, p. 128.

⁴³ LINS, Wilson. *Os Cabras do Coronel*. GRD, Rio de Janeiro: 1983, p. 74.

habitantes defendem os interesses do Coronel como os seus próprios, se mantendo armados com rifles e dispostos a defender com a própria vida a cidade de qualquer perigo.

Vários personagens aludem símbolos importantes da região. Tal personificação das tradições do vale do São Francisco nos são reveladas naturalmente. O remeiro, personagem sempre marcante por seus causos. As lendas personificadas pelo misterioso personagem Pedro Velho, que diz ser apadrinhado pela morte. Doninha Calango, personagem trágica destinada a conviver entrelaçada à força descomunal insaziável de *eros e tânatos* condenando os homens, que por ela deliram de desejo e prazer, a cair em desgraça.

Frente a esse contexto, a história se desenvolve e ganha vários contornos, demonstrando a vida sertaneja em meados de 1920, relatando também os sofrimentos naturais daquela região, causados pela seca que assolava o povo nordestino. Mas como promover o ingresso de Nietzsche nessa trama sertaneja? O que faria do sertão palco para o mundo nietzscheano ser identificado? Como o sertão é um grande acaso cujo destino (necessidade) é a guerra?

A resposta pode ser encontrada no valor aristocrático que Nietzsche expõe em *Além do bem e do mal*, precisamente, em o *Pathos da distância*⁴⁴. Através de uma aristocracia guerreira, em que o direito de senhorear fica representado na figura do Coronel de Pilão Arcado, com direito a exercer o domínio sobre aquele povo. Não é apenas na figura/simbologia do Coronel que será identificada a presença da filosofia nietzschiana, mas, no povo de Pilão Arcado, que se integra a essa força, que vive essa força, renegando os ideais derivados do ressentimento, citado por Nietzsche ao longo de sua filosofia. Para melhor compreensão do que aludimos, é interessante relembrar o pensamento nietzschiano sobre o bem e o mal em *Genealogia da moral*:

“O pathos da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com a estirpe baixa, com um sob – eis a origem da oposição “bom” e “ruim”. (O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas.).”⁴⁵

Enquanto a aristocracia guerreira, afirmava a vida na sua forma mais visceral, vivenciando o presente sem preocupação com um suposto futuro ou árbitro mensurador

⁴⁴ Direito de “senhorear”, se impor, dominar sobre outros em função da força e da potência. Explicação acerca do *pathos da distância* se encontra em *Além do bem e do mal* livro que antecede a *Genealogia da Moral*.

⁴⁵ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 19.

metafísico, explorando o máximo da sua condição com intensidade e coragem, seja no sofrimento ou na alegria, o gregário se escondia atrás das mazelas existenciais e, em busca de alento, aguardava um futuro inexistente, melhorador do tipo humano, alicerçado na verdade transcendente proporcionadora de sentido para vida.

ACERCA DO SENHOREAR E DA VONTADE DE PODER EM OS CABRAS DO CORONEL

Na narrativa de Lins o sertanejo de Pilão Arcado se encontra alheio ao ressentimento e aos ideais reativos do rebanho, porque a força se configura na vontade do Coronel e, esse não busca a “humanização” ou o “melhoramento”, pois prima por valores aristocráticos guerreiros, a saber, hierarquização edificada em função dos atributos individuais próprios, forjados nas peculiaridades regionais e nas funções executadas no interior da cercania onde exerce o domínio.

Em muitos relatos, postos na fala das personagens, se faz presente essa compreensão. Exemplo ilustrativo está a fala proferida pelo comandante do Batalhão, capitão Rocha, responsável pela mediação da contenda existente entre o Coronel Thebas, adversário figadal, e os homens do Coronel Vermelhão (alusão ao Cel. Franklin Lins de Albuquerque, pai de Wilson Lins), que residem em Remanso (município baiano).

Quando inquirido pelo Comandante do batalhão acerca da quantidade de gente que habita Pilão Arcado e das armas e munições em posse dos mesmos: *E essa gente toda assim armada, não constitui perigo? Não se matam a tôa, não há muito crime lá, com esse povo todo armado de fuzil?*⁴⁶, o poeta e rábula Fidelino Medrado, editor do único jornal existente em Remanso, responde sem titubear, exaltando a elevação de seu protetor:

“Quase toda população civil do município está armada, mas não se vê um crime em Pilão Arcado. (...) os fuzis do Coronel ninguém usa em briga particular. E ai de quem transgrida essa lei não escrita, mas tão rigorosamente cumprida. (...) sua arma principal é o coração, e é pelo coração que ele domina todo esse sertão, onde tem muitos inimigos, é certo, mas onde também dispõe de dedicações fanáticas, como a minha. Eu morro por ele capitão.”⁴⁷

⁴⁶ LINS, Wilson. *Os cabras do Coronel*. GDR, Rio de Janeiro, 1964, p. 86.

⁴⁷ Idem, p.87.

É importante perceber a menção ao domínio e, como a figura do Coronel, está a representação hierárquica máxima, na fala de Fidelino. O direito de senhorear se torna ainda mais evidente pelo fato de não se fazerem presente, no romance, discursos de convencimento expressos pelo Coronel, que em toda referência se mostra ordenando. Já em *O médio São Francisco* Lins descrevera o exercício de mando dos coronéis nas vilas da seguinte maneira: *os chefes (os coronéis), naqueles tempos, possuíam as cidades que governavam como coisas suas, dispondo de tudo, das vidas e haveres dos seus governados, com a desenvoltura dos velhos reis*⁴⁸. Seria uma saudosa alusão ao feudalismo? O que motiva a resposta de Fidelino ao Comandante Rocha, supracitada acima, encontra correspondente, ainda mais perspicaz, na filosofia de Nietzsche:

“Também esse corpo no qual, conforme supomos acima, os indivíduos se tratam como iguais – isso ocorre em toda aristocracia sã –, deve, se for um corpo vivo e não moribundo, fazer a outros corpos tudo o que seus indivíduos se abstêm de fazer uns aos outros: terá de ser a vontade de poder encarnada, quererá crescer, expandir-se, atrair para si, ganhar predomínio – não devido a uma moralidade ou imoralidade qualquer, mas por que vive, e vida é precisamente vontade de poder.”⁴⁹

Vale lembrar a interpretação de “jagunço” de Lins, um homem que convive bem em seu meio, mas se transforma em fera na guerra, muito parecido com o que expõe a citação acima. Ainda neste trecho de *Além do bem e do mal* encontramos também a resposta para a seguinte pergunta: O que move esse povo? A resposta é: a vontade do povo é alicerçada pela vontade do Coronel e toda essa pulsão está fundamentada na *vontade de potência*. A vontade de potência é o fundamento que sustenta as ideias de Nietzsche e essa força se dá na multiplicidade, como uma luta constante. Nietzsche identifica a própria vontade de potência como a vida, em todas as partes, dos processos orgânicos, aos animais, como também no indivíduo.

É importante destacar que existe também um representante do ressentimento em Pilão Arcado, José Leopoldino, pequeno comerciante que vivia no município quando ainda pertencia a antigos chefes, por isso, mantém constante ódio ao Coronel Vermelhão (novamente alusão ao Cel. Franklin Lins de Albuquerque, pai de Wilson Lins) e às pessoas que atuavam ao seu lado. Esse ódio foi à motivação para conspirar com os rivais do Vermelhão, influenciando e ajudando Domingos Amarra Couro, jagunço “vira-casaca” do Coronel, em sua fuga. José Leopoldino se

⁴⁸ LINS, Wilson. *O médio São Francisco – Uma sociedade de pastores guerreiros*. Brasiliense, Volume 377. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1983, p. 54.

⁴⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 155.

regozijava em silêncio e vibrava com a confusão que causava, agindo de maneira obscura e fingindo indignação com a fuga do cabra do Coronel.

“Né” Fonseca, agiota, conhecido pelo hábito incorrigível da fofoca, ao tomar ciência chantageia José Leopoldino, ameaçando-o de revelar ao Coronel o gesto pusilânime. Tomado pelo medo e ódio, Leopoldino assassina “Né” com golpes de faca, aplicados pelas costas, sendo preso e mais tarde se suicidando. Em todos os atos da história de Leopoldino se encontram delineados a representação da covardia e dos preceitos reativos.

No romance, quando a *cabroeira* se encontra reunida, às vésperas das justas e pelejas sangrentas entoam-se cantos, elevam-se os gritos, prorrompem-se as rimas poéticas, os contos os causos de bravura de antanho. Tudo e todos sintonizados, comemorando, embalados no calor ardente da pirogenia etílica em que se irmanam jagunços e seus cabos-de-turmas. Lins, inclusive, destaca algumas rimas características da “jagunçada” também em *O médio São Francisco*:

“Meu fuzil é bom
Minha faca também é
Não nasci para ser semente
Tou às orde, coroné.”⁵⁰

Riam como crianças das suas condições, envolvidos naquele feroz conflito ali instalado. Dançavam homens com homens ao som da sanfona, que tocava sempre um forró animado. A mesma intensidade comemorativa demonstrada no ingresso para uma batalha, estava proporcional à decepção e lamentos demonstrados, quando algum ataque se revelava cancelado; Ficavam impacientes, entediados, tristes ao ponto de chorarem:

“Ouvindo e vendo os cabras tão alegres, a perguntarem a que horas teriam de partir para atacar a cidade, Manoel Jeremoabo chegou a ficar com pena de dar a notícia que trazia. Parar ele, era mesmo de cortar o coração, ver aquele entusiasmo todo ser desperdiçado. (...) pois sabia que a decepção ia ser grande, depois que ele falasse. (...) Houve cabra que chorou.”⁵¹

⁵⁰ LINS, Wilson. *Os cabras do Coronel*. GDR, Rio de Janeiro, 1964, p.99.

⁵¹ Idem, p. 116-117.

Nas batalhas, a valentia e o júbilo estão sempre expostos. O combate é descrito com trocas de insultos constantes em meio ao tiroteio ensurdecido. No capítulo 44 do livro acontece uma das disputas mais relevantes, quando os jagunços de Pilão Arcado liderados por Jerônimo Afro estão em brutal combate com os homens dos “Moreira” liderados por Pucaio, que percebendo o massacre de seu grupo, totalmente encurralado, desafia Jerônimo Afro para um duelo de punhais (aristéia = combate singular). Ao aceitar o desafio, um duelo corpo a corpo, Jerônimo Afro externa verbalmente a ordem de nenhum jagunço interceder na disputa, demonstrando um respeito ao adversário; O cabo-de-turma do “Vermelhão diz: *Valor ele tem sem eu precisar dar. Por isso é que merece morrer numa luta limpa.*⁵²

Após o combate singular, Jerônimo Afro predomina sobre o rival executando-o, mas ao mesmo tempo, exalta o inimigo elogiando sua habilidade, fazendo lembrar as palavras de Nietzsche em *Ecce Homo: Igualdade frente ao inimigo – primeiro pressuposto para um duelo honesto. Quando se despreza não se pode fazer guerra*⁵³. Após a guerra, os homens feridos do rival eram assassinados como sinal de caridade, executados todos com firmeza chamando-os de irmãos, como é dito no livro: *Sem pressa e sem emoção*⁵⁴.

Saindo a caminhar e a contar histórias da batalha, estavam tão acostumados com a morte próxima que todo aquele mundo violento parecia inocente. Em *O médio São Francisco*, Lins chega a se referir sobre este tipo de comportamento dos jagunços como heróico:

“É um traço comum no herói rústico das sociedades pastoris a reverência respeitosa ao adversário morto na luta. As mulheres, as crianças e os mortos merecem todo o respeito desses homens, que se transformam em feras na hora de luta, mas que, passada a luta, estão prontos a tudo esquecer.”⁵⁵

O esquecer, também é um marco da filosofia nietzscheana. O desprendimento e distanciamento do rancor. Todos esses atributos permitem classificar “o jagunço” como um verdadeiro representante da filosofia trágica nietzscheana.

⁵² Idem, p. 133.

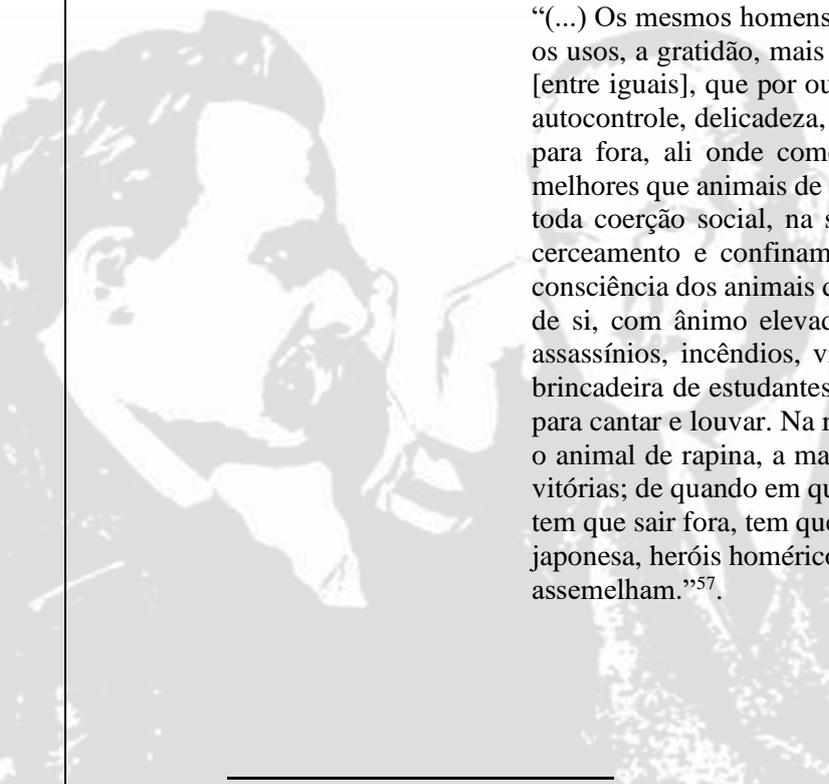
⁵³ NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce homo: como alguém se torna o que se é*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 32.

⁵⁴ LINS, Wilson. *Os cabras do Coronel*. GDR, Rio de Janeiro, 1964, p. 154.

⁵⁵ LINS, Wilson. *O médio São Francisco – Uma sociedade de pastores guerreiros*. Brasiliense, Volume 377. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1983, p. 52-53.

O TRÁGICO NO SERTÃO

A inocência (o próprio acaso), assim como a necessidade (o destino), na figura da guerra, tão presentes na filosofia nietzscheana, são quase um espelho das batalhas narradas por Lins nesse mundo de jagunços liderados por um “aristocrata” resoluto disposto a senhorear e conduzir (na sua compreensão protótipo do *super homem*)⁵⁶, sendo toda esta realidade descrita no presente trabalho até agora, sintetizada na seguinte passagem da *Genealogia da moral*:



“(…) Os mesmos homens tão severamente contidos pelo costume, o respeito, os usos, a gratidão, mais ainda pela vigilância mútua, pelo ciúme inter pares [entre iguais], que por outro lado se mostram tão pródigos em consideração, autocontrole, delicadeza, lealdade, orgulho e amizade, nas relações entre si – para fora, ali onde começa o que é estranho, o estrangeiro, eles não são melhores que animais de rapina deixados à solta. Ali desfrutam a liberdade de toda coerção social, na selva se recobram da tensão trazida por um longo cerceamento e confinamento na paz da comunidade, retornam à inocente consciência dos animais de rapina, como jubilosos monstros que deixam atrás de si, com ânimo elevado e equilíbrio interior, uma sucessão horrenda de assassinios, incêndios, violações e torturas, como se tudo não passasse de brincadeira de estudantes, convencidos de que mais uma vez os poetas terão para cantar e louvar. Na raiz de todas as raças nobres é difícil não reconhecer o animal de rapina, a magnífica besta loura que vagueia ávida de espólios e vitórias; de quando em quando este cerne oculto necessita desafogo, o animal tem que sair fora, tem que voltar a selva – nobreza romana, árabe, germânica, japonesa, heróis homéricos, vikings escandinavos: nesta necessidade todos se assemelham.”⁵⁷.

⁵⁶ Pode parecer estranho, mas o vínculo estabelecido por Wilson Lins entre os conceitos nietzscheanos (em nosso texto considerados “engenhos”) e a maneira com que os movimentos armados no sertão nordestino – **Cangaço** – são (em sua Trilogia do São Francisco) e serão, posteriormente abordados, faculta a compreensão da hipótese aqui referida e, particularmente, da sua originalidade. Em Discurso de Recepção proferido na Academia Baiana de Letras, Jorge Calmon, reforça tal analogia ao dizer: “Nos livros da moda, nas traduções dos pensadores alemães, encontra o que parece ser resposta para a angústia; engaja-se, por isso, na corrente filosófica dos antiindividualistas, dos que reclamam a liderança regeneradora do “homem superior”. **Para ele o Super-Homem é, na realidade, a versão erudita do caudilho patriarcal, única fonte de poder que conhecera, e admirara.**”(grifo nosso).

Em seu livro *Lampião na Bahia*, Oleone Coelho Fontes afirma que Lampião foi o responsável por introduzir o cangaço na Bahia. O livro, escrito em 1988, consumiu dez anos de pesquisa e aborda o período compreendido entre 1928-1940. Nele, precisamente, no Capítulo 23 – **A Prisão de Volta-Seca** – o autor fará uso **do conceito nietzscheano de super -homem**, justamente quando se encontra a descrever a figura de Lampião em relação ao imaginário das crianças do nordeste:

“(…) Lampião nutria particular simpatia pela criançada e não foram poucas as vezes em que distribuiu abundantemente moedas entre elas, que mostravam pelo capitão das caatingas um misto de admiração e inveja, **vendendo nele a imagem do original e autêntico super-homem.**”

FONTES, Oleone Coelho. *Lampião na Bahia*. Editora Vozes. Petrópolis: 1988, p. 263.

⁵⁷ NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 32.

Na narrativa de Wilson Lins comparece claramente identificadas as palavras de Nietzsche nos atos dos jagunços e do povo de Pilão Arcado: *Gente estranha, gente bárbara, gente pura na inocência dos seus crimes hediondos*⁵⁸.

A afirmação do acaso leva à inocência. Zaratustra exclama: *O nosso grande Acaso: é esse o nosso grande longínquo Reinado do Homem, o reinado de Zaratustra*⁵⁹ mostrando que seu reino é a própria inocência. No *Monte das Oliveiras* Zaratustra diz: *Deixai vir a mim o acaso; ele é inocente como uma criança*⁶⁰.

Em *Antes do sol nascer* o profeta do eterno retorno confirma a ligação entre acaso e inocência ao dizer: *sobre todas as coisas estende-se o céu da contingência, o céu da inocência, o céu do acaso e o céu da altivez*⁶¹. Afirmar o acaso é afirmar a inocência, o nascimento, o instinto, eliminando toda suposta culpa da existência.

É notável que sobre uma terra seca, cuja única salvação está no rio, que inclusive quando extrapola suas cercanias e margens porta transtornos, um ar verdadeiro, corajoso, poderoso, que emerge diante da vida difícil, justifica a frase que o sertão é o grande acaso, como a criança *Das três metamorfoses: inocência é a criança, o esquecimento, novo começar, jogo, roda que gira sobre si mesma, primeiro movimento, santa afirmação*⁶². O acaso é a grande libertação das amarras da finalidade.

Já o destino (necessidade) é a fatalidade da condição humana, uma condição que em seu sentido abrangente é a própria guerra, a corrupção e a geração, a luta dos opostos, como na filosofia de Heráclito, tão elogiada por Nietzsche, que anuncia o devir como o “ritmo” da vida. Em *Além do bem e do mal*, Nietzsche visualiza tudo seguindo apenas seu curso, enxerga a própria liberdade; *tenho a visão de onde todo o devir me parecia danças e travessuras divinas, onde o mundo liberto e impetuoso refugiava-se em si mesmo*⁶³. Essa oposição – ou propriamente a guerra – é a base do pensamento do eterno retorno, do ciclo absoluto, da mais alta afirmação trágica.

O sertão de Wilson Lins, revestido pelos “engenhos nietzscheanos”, com seus jagunços, sua guerra, seu povo, não apenas suporta o destino, mas intensifica-o em sua maneira mais

⁵⁸ LINS, Wilson. Os cabras do Coronel. GDR, Rio de Janeiro, 1964, p.53.

⁵⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes, 2014, p. 302.

⁶⁰ Idem, p. 224

⁶¹ Idem, p.213)

⁶² Idem, p.33)

⁶³ NIETZSCHE, Friedrich. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 253.

literal, assumindo aparentemente de maneira instintiva a afirmação incondicional no lugar da demasiada prevenção: vive mais do que teoriza. Tudo isso confirma a frase de Lins: *O mesmo espírito aventureiro que anima os jagunços, o mesmo sentimento trágico da vida*⁶⁴ que os leva a cantar⁶⁵



⁶⁴ Aqui deixamos registrada nosso carinho e homenagem a Miguel de Unamuno em *Do sentimento trágico da vida*, que tanto auxílio nos facultou em tempos de solidão.

⁶⁵ LINS, Wilson. *O médio São Francisco – Uma sociedade de pastores guerreiros*. Brasiliense, Volume 377. Companhia Editora Nacional, São Paulo: 1983, p. 100.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Euclides da. 1984. Organização da coletânea Walnice Nogueira Galvão. Ática. São Paulo.

D'ANNUNZIO, Gabriele. *La bestia elettiva*. In: *Scritti Giornalistici 1889-1938*. Volume secondo. A cura e con una introduzione di Annamaria Andreoli. Testi raccolti da Giorgio Zanetti. Arnoldo Mondadori Editore.

_____. *Le vergini delle Rocce*. Mondadori. Milano.

FACÓ, Rui. 1965. **Cangaceiros e Fanáticos**. Civilização Brasileira. Rio de Janeiro.

FAZIO, Domenico M. 1988. **Il caso Nietzsche – La cultura italiana di fronte a Nietzsche 1872-1940**. Marzorati Editore. Settimo Milanese.

FONTES, Oleone Coelho. 1988. **Lampião na Bahia**. Editora Vozes. Petrópolis.

GOETHE, J.W. 1947. **Götz di Berlichingen**. Versione col testo a fronte, Introduzione e Note a cura di Nicola de Ruggiero. Sansoni Editore, Firenze.

LINS, Wilson. 1939. **Zaratustra me contou**. Tipografia Naval, Bahia.

_____. 1964. **Os cabra do coronel**. Edições GRS. Rio de Janeiro.

_____. 1965. **O reduto**. Ed. MARTINS. São Paulo.

_____. 1968. **Discurso de posse. Salvador**. Imprensa oficial da Bahia.

_____. 1983. **O médio São Francisco: uma sociedade de pastores e guerreiros**. 3. Ed., definitiva. – São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: Fundação Nacional Pró-Memória.

_____. 2014. **Remanso da valentia**. Assembleia legislativa; Academia Baiana de Letra. Salvador.

NIETZSCHE, Friedrich. 2014. **Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Tradução de Mario Ferreira dos Santos. 3.ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes.

_____. 1995. **Ecce homo: como alguém se torna o que se é**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 2005. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1998. **Genealogia da Moral: uma polêmica**. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza – São Paulo: Companhia das Letras.

_____. 1992. **O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo**. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg – São Paulo: Companhia das letras.

_____. 1999. **Sobre verdade e mentira no sentido extra moral**. Obras Incompletas. Os Pensadores. Nova Cultural. São Paulo.

VERRECCHIA, Anacleto. 1978. **La catastofre di Nietzsche a Torino**. Einaudi. Torino.



ANEXO ÚNICO – Conforme Nota de rodapé nº 24

A BESTA ELETIVA

Autor: Gabriele D'Annunzio, *Il Mattino*, Nápoles 25/09/1892

Tradução: Roberto Sávio Rosa. Torino, 08/10/2019

De quando em quando na Itália, qualquer escritor desocupado, alguns daqueles anônimos que sobrevivem compilando antologias pornográficas para editores clandestinos, se põe com muita dignidade a deplorar a indiferença que os artesãos de versos e prosas possuem pela coisa pública, pela vida política da nação. O zombador invoca finalmente para o jovem reino uma elevada literatura civil: poetas que exaltam em rimas o sufrágio popular e romancistas que representem a intenção dos seus heróis para a solução de um qualquer denso problema social.

Porque poetas e romancistas não respondem ao apelo, não renunciam ao repetido/de sempre homem apaixonado por duas mulheres ou a repetida/de sempre mulher apaixonada por dois homens, não ficam raivosos com a sociologia e não favorecem a queda do Rei, o advento da República, e o acesso da patuléia ao poder? Os críticos perdoam neles a fraqueza da sintaxe em homenagem à “seriedade do conteúdo”.

Eu continuo na angústia da minha métrica e da minha casuística, por enquanto. Como a Senhora Lee, da novela americana, tenho a necessidade de viajar ao Egito. “A democracia me quebrou os nervos. Oh, que repouso seria andar a viver na grande pirâmide e ficar observando eternamente a estrela Polar!”. Estranha coisa disse o Deputado Bonghi a quem pertence as cacofonias da tradução “ou melhor, das mais naturais!”

O crepúsculo dos reis e dos príncipes não me parece hoje digno de muita atenção. Aqueles que possuíam uma alma verdadeiramente real, havendo buscado em vão de recolocar a sua vida em conformidade aos seus sonhos e não podendo resignar-se ao contato inevitável da vulgaridade, já partiram do mundo arrastados pelo vôo das suas ilusões. Luis II, o Rei virgem, depois de haver comunicado por tantos anos com os heróis luminosos que Richard Wagner lhe deu por companhia em regiões sobrenaturais, imune à toda toxidade feminina, hostil a todos os intrusos, sentindo que a perspicácia dos seus vivos prazeres começava a ceder à resistência dos seus órgãos, pensou de transformar-se pela morte em um ser mais elevado e escolheu buscar no fundo do seu lago a suprema visão. Rodolfo de Absburgo, um príncipe

meditativo, sempre absorvido pelo espetáculo da vida interior, pagou o preço de um delito intelectual: por haver assassinado uma mulher que o mantinha vinculado à materialidade da existência comum. Geovani Orth, espírito indomável, indiferente a toda escravidão, direcionou um dia a sua prôa em direção ao infinito; e ninguém nunca mais voltou a revê-lo!

Aqueles que permanecem, ou possuem um valor irrelevante de funcionário inescrupuloso, amendontrados de serem demitidos, ou são inteiramente dedicados a cultivar as suas pequenas manias pueris e os seus vícios medíocres. Guilherme II é o único que qualquer vez incita a nossa curiosidade para espetáculos breves e diversos que ele representa acerca de si mesmo no seu império e fora dele. Ele é verdadeiramente o inconveniente dessa dolorosa companhia coroada. As suas ocupações são incríveis. Ele muda mais de uniforme em um dia que não em um ano os móveis uma *cocotte*⁶⁶ à moda. Ele percorre de um chefe a outro a Europa mostrando-se em todas as estações ferroviárias em uma atitude nova. Agora os seus ministros não sabem a qual meio recorrer para dissuadi-lo de andar a expor na América o seu conjunto de ábitos militar internacional. Nenhuma atividade humana lhe é desconhecida. Ele sabe tudo e faz tudo: sumo estrategista quando cavalga entre o estrépido rumoroso da banda à frente da Guarda, sumo orador quando diretamente da prôa de sua embarcação faz liberta a sua voz sobre as águas, sumo ator talvez quando lhe virá o desejo de encenar sobre o palco cênico envolto em uma armadura de herói daqueles dramas que um (**poestastro**) *Shakesper(as)pirante*, do qual não lembro mais o nome, tem a tarefa de fazê-lo engolir com muita acutza de adulação.

E os outros? O Czar, corroído nos seus músculos hercúleos da suspeita, se consuma sozinho em uma misantropia, não havendo nem mesmo a coragem de contrapor às pequenas fórmulas químicas dos seus rebeldes uma magnífica qualquer disputa em arma branca para irrigar e revirar as suas terras esterelizadas. Francesco Giuseppe, o austríaco, havendo perdido o herdeiro, até ontem outra coisa não fazia que confortar com água purgativa a sua desolada velhice: até que os surdos clamores do seu povo não lhe advertiram que a graça de Deus lhe enviava um outro conforto para os últimos anos de sua vida. Se sabe já que, com grande júbilo da arquiduquesa e de todas as damas, estão abertas as tratativas com o empresário italiano para que este ceda o prodigioso melodramático à Corte Imperial e ceda junto também, por módico preço, Metastasio Daspuro. Entretanto, na última hora surgiu um perigo. Telegramas recentes dão a conhecer uma viagem às pressas de Guilherme II à Viena. E Guilherme, homem impetuoso e autoritário, é capaz de fazer raptar o maestro e de conduzi-lo à Berlim para fazê-

⁶⁶ Conforme original no texto.

lo musicar todos os regulamentos militares das Armas a pé e a cavalo e da Contabilidade e das Ambulâncias.

E os outros ainda? A rainha Vitória, nos seus lúcidos intervalos, se ocupa de re-ordenar o Museu de suas bonecas e das bonecas da sua filha e da sua sobrinha, com um comovente retorno à cândida infância. O príncipe de Wales, *clubman*⁶⁷ perfeito, agora calvo e esguio, que morrerá talvez como príncipe hereditário, contente talvez de não haver herdado, de ano em ano alarga em um furo o cinto que ele deve usar em torno a sua barriga epicúrea, vencendo a sua repugnância de *gentleman*⁶⁸ a um travestimento ridículo, a cada vez que lhe confere representar a longêva Mãe em qualquer cerimônia oficial. Os gran-Duques Russos de quando em quando se movimentam de Petesburgo para andar a apertar a mão do engenheiro Sadi Carnot, renovando assim a ilusão da aliança no fácil povo francês; e recebem em compensação da República qualquer facilitação na pesquisa dos seus prazeres preferidos.

Dos pretendentes: Vittorio Napoleone, desesperado ainda de suscitar qualquer fervor heróico no sangue do Primo Console, que estagna nele, limita os seus atos políticos a qualquer carta modesta, escrita de mal humor sobre qualquer mesinha de hotel nos dias de *spleen*⁶⁹. O Conde de Paris não é menos resignado. E o Duque de Orleans parece dar razão àqueles que dos seus delineamentos plebeus argumentam acerca da impureza do seu sangue; porque ele não outra coisa parece disposto a fazer senão exercitar a sua função de macho como um menino estável. Depois de haver mostrado a veleidade pueril de elevar a bandeira branca em uma caserna, jogou-a como um símbolo inútil sobre o leito de uma cantora.

Necessita então inclinar-se à democracia. Mas, ai de mim! Tudo é velho e ignóbil também deste lado.

II

O dogma do oitenta e nove (1889), este fundamento axomático da sociedade moderna – que ao Povo pertença a soberania dos Estados – que a autoridade dos súditos supere àquela do Rei – era já ensinado, aceito, praticado em todas as comunidades cristãs; era, inclusive, especialmente proposto pelos Jesuítas. Quantos ruídos de trombas apocalípticas, quanto barulho de trovão, quanto fulgor de raios para colocar sobre uma grande antena maculada e retorcida um cartaz escrito em letras sanguíneas o mais católico dos lugares comuns! Luis XVI foi morto

⁶⁷ Conforme original no texto.

⁶⁸ Conforme original no texto.

⁶⁹ Conforme original no texto.

em função dos mesmos princípios que haviam armado o braço de Jacques Clément, de Balthasar Gérard, de Ravailac. Cantarão os poetas o triunfante acesso da plebe ao poder? Mas o sufrágio universal foi inventado com extraordinária acuidade para expoliar a plebe dos seus direitos. A condição da plebe resta sempre a mesma, seja a vontade governadora àquela de um tribuno ou seja àquela de um Rei, seja a classe privilegiada a nobreza ou seja a maioria na Câmara. A plebe restará sempre escrava e destinada a sofrer, tanto à sombra das torres feudais quanto à sombra das feudais chaminés das oficinas modernas. Esses não haverão mais internamente o sentimento da liberdade. Em vão os (Cleoni)⁷⁰ gritam à multidão: “*Vocês não somente são a força mas são a luz, o pensamento e a sabedoria*”. Talvez nem mesmo a multidão acredita nessas adulações. – Essa acredita somente em um progresso: no aumento do bem estar físico. A leveza de espírito não serve para elevar essa massa densa, grosseira e uniforme. Para romper com uma multidão necessita contrapor a um vício seu um outro vício. E os (Cleoni) conhecem bem esta psicologia, possuem o aspecto de adorar o grande manipulador (*de títeres*) dos quais retiram os fios.

A democracia se reduz portanto a uma luta de egoístas vaidosos, que se desenvolve sobre o rebaixamento sistemático da superioridade legítima e adquirida. É o triunfo do burguês, do filisteu, do tartufo, do asno presunçoso, do pedante que faz o sabido, do idiota que acredita estar idêntico ao homem engenhoso, de toda a mediocridade, de toda baixaza. Enquanto a Natureza tende a multiplicar sem limites as diferenças, a Democracia tende contrariamente a colocar todos os homens iguais, a colocar sobre qualquer alma uma marca exata como sobre um utensílio social, a fazer a cabeça humana como as cabeças dos broches.

Ela não considera a atividade individual, a energia espontânea e livre, o homem verdadeiro e vivo, mas uma fórmula abstrata. Ela não considera no Estado nada mais do que a força molecular e a ação das massas para criar o movimento.

Mas das suas tórbidas vísceras nasce um tirano bem mais temível do que àquele que essa está habituada: o Estado-Rei, o Estado-providência, o Estado-produtor-da-felicidade-pública: um monstruoso Polifemo que tosquiara e coureará o seu rebanho. Todos os apóstolos da plebe, todos os vates do amanhã invocam o novíssimo pastor das nações!

Entretanto o povo se ilude. A sua estupidez (oh desigualdade!) não possui no mundo nada de comparável. Ele coloca sob as asas do implacável abutre que lhe devora o fígado, o ovo miraculoso de onde deverá eclodir a idade de Ouro.

⁷⁰ Demagogos.

III

Por sorte o Estado formado sobre os fundamentos do voto universal e da igualdade, enrijecido pelo medo, não é somente uma construção ignóbil mas é também precária. Sobre a igualdade econômica e política, a qual aspira a democracia socialista e não socialista, se formará uma oligarquia nova, um novo readequamento da força; e este grupo, pouco a pouco conseguirá se apropriar de todas as redes para conduzir a massa em seu proveito, destruindo qualquer sonho vão de igualdade e de justiça.

A força é a primeira Lei da Natureza, indestrutível, inabolível. O mundo não pode ser constituído senão sobre a força, tanto nos séculos de civilização quanto nas eras primordiais. A Natureza é iníqua. Nós somos produtos da Natureza: não podemos portanto aspirar à justiça, rebelando-nos contra nossa causa mesma. Quem reclama e sonha e profetiza é um ingênuo ou um moralista.

Se fossem destruídas de um novo dilúvio deucaliônico todas as raças terrestres e surgissem novas gerações das pedras, como nas antigas fábulas, os homens se enfrentariam entre si até quando um somente, o mais saudável, o mais vigoroso, não conseguisse reinar sobre os demais.

Ora, há quatro séculos os Europeus não entendem fazer outra coisa senão espoliar e exterminar as outras estirpes. A civilidade europeia, como uma aranha voraz, envolve em sua teia o resto do globo. Na América, raças inteiras desapareceram com o impacto do homem branco; os Oceânidas estão desaparecendo perseguidos nos extremos abrigos; a África é invadida totalmente. Com qual direito? Com o direito do mais forte. As outras predicções retóricas pela fraternidade sob o mesmo sol servem para esconder os rumores das fábricas de armamento. A cândida forma da paz que emergiu das águas de Gênova me fornece a imagem daquela rocha na qual foi transformada a ninfa Cila no mar siciliano. A rocha tinha a doce forma de uma mulher, com o busto a erguido sobre as flores das ondas, enquanto em torno às costas as faces de seis cães horrendos latiam sem trégua. As faces da Guerra gritam às costas da paz invocada. A última manifestação (ode) de nosso maior poeta é cheia de raios e rumores belicosos.

Após um século de *humanismo* (feia e ridícula palavra com relação ao que expressa) estamos assim: - todos os cidadãos, soldados; vinte milhões de homens em armas; a Europa um acampamento. Que diferença entre o nosso século e as eras anteriores à barbárie quando cada homem defendia a sua caverna com o arco sempre teso, pronto, estendido?

A força é portanto ainda a suprema lei. E assim deve ser; e é justo que assim seja até o final do século. A igualdade e a justiça são duas abstrações vãs, e as doutrinas que delas derivam são inaceitáveis pelos homens superiores.

A **aristocracia nova** se formará portanto recolocando no seu posto de honra o sentimento da pontência elevando-se sobre o bem e o mal.

Segundo a doutrina de **Frederich Nietzsche**, uma entre as razões da decadência geral reside nisso: que a Europa inteira recebeu a sua definitiva fundamentação da noção de bem e mal tomada no sentido da moral dos escravos.

Duas são as morais: aquela dos “nobres” e aquela do rebanho servil. Ora, porque em todas as línguas primitivas nobre e bom são termos equivalentes e porque a palavra nobre é também uma designação de classe, por consequência se deduz que a casta dos senhores (=nobres?) criou a primeira noção de Bem. Toda a sua moral possui a sua raiz na soberana concepção da sua dignidade e tende a glorificação incondicional da vida.

A gênese do bem é necessariamente diversa na concepção do escravo. Por instinto ele desconfia disso que o senhor chama o Bem; porque de fato isto que para eles merece tal nome é ruim para o escravo e portanto representa o Mal.

Entretanto a moral dos escravos venceu a outra. Foi necessário, para conduzi-la à vitória, um poder qualquer de sedução. Jesus de Nazaré lhes portou o artifício do amor, atraindo para si os infelizes e vis. Todos os sofrimentos do fraco e do oprimido se transformaram em virtude; e aparece abominável o homem forte que derivava a sua lei do princípio contrário. O ascetismo difundiu um véu de medo e de tristeza sobre todas as coisas. Esta moral não é senão o instinto de rebanho. Os homens superiores deixando aos ingênuos a tentativa de melhorar a sorte das multidões e de praticar a virtude cristã da caridade empregaram todos os seus esforços à destruí-la.

Vale talvez prolongar a vida dos miseráveis? Para que? Preocupar-se com a massa em detrimento dos “nobres” não seria como descuidar os arbustos mais vigorosos, em uma selva, para cuidar qualquer arbusto pobre de linfa ou qualquer erva daninha?

Os homens serão divididos em duas raças. À superior, elevados pela pura energia de sua vontade, tudo será permitido; à inferior, nada ou bem pouco. A maior soma de benefícios será para os privilegiados, que a sua nobilidade pessoal fará digna de todos os privilégios. O verdadeiro “nobre” não se assemelha em nada aos herdeiros das antigas famílias patrícias. Ele é o homem livre mais forte que as coisas, convencido que a personalidade supera em valor todos os atributos acessórios. Ele é uma força que se governa, uma liberdade que se afirma e se regula

sob o modelo (tipo) da dignidade. Ele possui o olho infalível quando o dirige sobre si mesmo/visualiza a si mesmo. E esta autocracia da consciência é o principal sinal do novo aristocrata.

Somente uma de suas alegrias vale mais que todos os júbilos populares.

Por isso, portanto, ele renuncia à sua parte de soberania. Jamais uma cédula de votação contaminará as suas mãos.

A vida é uma nascente de alegria – **disse Frederich Nietzsche** – mas, onde a canalha bebe, todas as fontes são intoxicadas. E ainda: Qualquer um que se retirasse da vida não outro faria que afastar-se da canalha. Não queria repartir a fonte, a chama e o fruto com a canalha.

